

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܗ

SÃO PAULO - FEVEREIRO/2014

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO INICIAL 1

A RESPEITO DA ORAÇÃO 2

A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA 3

HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE 4

CULTURA ORIENTAL 7

NOVA DIRETORIA 10

TEXTOS EM ARAMAICO 11

ORAÇÃO INICIAL

Naquela manhã grandiosa

(behau Safro rabo)

Naquela manhã grandiosa
Quando vieres Senhor Deus
Não nos digas Senhor
“Não vos conheço!”,
Por que Teu corpo santo,
por resgate nos deste
E Teu sangue inocente,
Perdão ao mundo.

Aleluia

Nele vivificam os povos
E a glória cantam.



Mosteiro de Mor Augen (Santo Eugênio) - Tur Abdin / Turquia - IV século -

ܘܢܝܠ ܘܡܘܨܒ ܐܘܟܠܝܢ ܕܗܘܢܝܢ ܘܚܘܒܝܢ
ܘܢܝܠ ܘܚܘܒܝܢ ܘܚܘܒܝܢ

Oração da manhã da sexta-feira comum- Livro das Orações Comuns da Igreja Siríaca de Antioquia -

ܘܢܝܠ ܘܚܘܒܝܢ ܘܚܘܒܝܢ ܘܚܘܒܝܢ
ܘܢܝܠ ܘܚܘܒܝܢ ܘܚܘܒܝܢ

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout—Camila Sowmy
Artigos—Peter Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo / SP.

Padre Gabriel está à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

A RESPEITO DA ORAÇÃO

Como é bela a oração ensinada pelo Filho de Deus.

Bem aventurado quem a coloca em sua alma e nela medita;

Todo o esplendor da bondade e perfeição

Nela se encontram para aquele que se esforça e a reza.

Ya`quob de Serug (451 – 521 d.C.)

Desde tempos imemoriais o ser humano tem se prostrado perante Deus e feito suas orações, seja para suplicar, abençoar ou qualquer outra instância em que ele, ser humano, não pode resolver alguma situação e então necessitava da interferência de Deus.

Muito tem sido falado e escrito sobre a oração. Neste número, escolhemos alguns dizeres e referências de Afrem Barsoum (1887-1957), Patriarca da Igreja Siríaca de Antioquia (1933-1957) para dele aprendermos um pouco mais como podemos orar e o que significa a oração.

“Orar é elevar a mente a Deus Todo-Poderoso e perante Ele depositar nossas declarações espirituais. Através da oração nós O adoramos e Lhe agradecemos e colocamos diante dEle as nossas necessidades.

Oração não é apenas uma tarefa obrigatória mas a primordial e mais benéfica de todas. Chegamos a ela através do instinto natural que nos guia para nos aproximarmos de nosso Deus, que Ele seja exaltado.”

Muito poderoso é o efeito da oração, como ressalta o Apóstolo: **"Grande é o poder da oração do justo"** (Tiago 5:16) , em especial a oração perfeita dos nossos pais espirituais através da qual receberam dons divinos e visões milagrosas. Quanto a isso é certo que eles possuíam experiências e histórias que causavam admiração as quais não poderiam ter ocorrido a não ser que fosse por sua total devoção. Neste contexto, Yohanna Abu Al-dawaly o Velho (*) disse:

" Quem quiser absorver a doçura de Cristo deverá esforçar-se para dedicar-se à oração que nos aproxima de Deus mais do que qualquer outro exercício espiritual. Por ela a mente se associa com Deus e toma Sua semelhança, ganha Seus dons e torna-se a fonte de Seus mistérios secretos. Através da oração, ele abre os Seus tesouros e distribui seus tesouros , torna-se digno de ver a Sua glória e vagueia nas nuvens das luzes de Sua Majestade onde as hostes do Altíssimo habitam. É então tomado pelo silêncio e perplexidade, atordoado pelos raios de luz que brilham sobre ele. Tal é a vida dos homens espirituais e seu máximo prazer " .

A honra da oração é tão grande que dificilmente pode ser descrita. É mais sublime do que a honra de todas as outras virtudes e ações dignas porque estas somente podem atingir a perfeição através da oração.”.

[texto extraído do livro: **symtho ruhonoyno daSlutho qonunoyto** - capítulo I – Tradução da 5ª Edição de 1956 por Rev. Fr. Joseph Tarzi, California, USA - 1998 – título em inglês: **The Spiritual Treasure On Canonical Prayer**]

(*) N.E. – o nome do autor dessa citação, em aramaico é **yuhannon dalyothe** e é também conhecido pelo cognome **yuhannon sobo** (isto é: **João, o Velho**)- foi um sábio e místico que viveu no 8º século. Entre seus escritos existem palestras sobre comportamento de monges e professores até hoje utilizados entre os ensinamentos da Igreja de Antioquia.

A MULHER E A IGREJA DE ANTIOQUIA

Quando comparamos a vida do ser humano no Oriente Médio, com a vida do ser humano no Ocidente logo percebemos que a posição social do homem é bem diferente da posição social da mulher no Oriente enquanto que no Ocidente, essa diferença não existe.

No Oriente Médio enquanto o homem possui uma posição de total independência a mulher parece estar totalmente submissa à vontade do homem, seja esse homem seu pai, irmão, marido ou até mesmo um religioso.

Uma diferença que salta aos olhos é a questão do casamento legal. Enquanto no Ocidente o casamento é monogâmico, a poligamia é liberada no Oriente Médio. Com isso, a tendência é que a família no Ocidente tenha um ou dois filhos; no Oriente Médio, é comum encontrar-se famílias com oito ou dez filhos (se não mais), principalmente nas regiões afastadas dos grandes centros. Como consequência, com o tempo, os governos vão encontrando grandes dificuldades em fornecer serviços básicos aos cidadãos de seus países, principalmente saneamento, energia e escolaridade, sem contar o problema da capacidade de geração de empregos que cresce paulatinamente enquanto que o crescimento populacional dobra a cada 40 ou 45 anos. Qual a consequência imediata disso? As guerras civis contra os governos e em seguida as guerras fronteiriças já que uma pessoa que passa fome e não consegue se alimentar irá procurar alimento no vizinho e tentará conseguir esse alimento até mesmo pela força pois a primeira lei da natureza é a lei da sobrevivência.

Outra consequência é que as mulheres vão sendo alijadas do processo educativo e profissional pois é norma principalmente entre as comunidades islâmicas mais conservadoras (que são a grande maioria do povo do Oriente Médio até a Índia bem como Norte e Leste da África) que as mulheres sejam tão somente parideiras de filhos e não precisam estudar ou trabalhar fora de casa. Cria-se então um nível de desigualdade ímpar e uma tendência à guerra civil dos sexos. Já existem casos comprovados entre as mulheres egípcias muçulmanas com nível de escolaridade alto, que declararam que não vão se casar e nem ter filhos para que não cresça o problema da desigualdade das mulheres. Por outro lado, os religiosos muçulmanos (e todos são homens) passam ensinamentos ao povo de que a mulher é obrigada a aceitar a decisão do seu tutor homem, pai ou irmão ou tio e assim devem ser submissas e casar com quem esse tutor decidir. Os raptos de mulheres que não aceitam essa decisão tem crescido incessantemente nos últimos anos.

Será que isso sempre foi assim? Como as diversas facções da sociedade do Oriente Médio enfrentaram esses problemas?

Quando estudamos a antropologia do Oriente Médio, vemos que no início dos tempos do ser humano como o conhecemos hoje, o chamado “homo sapiens sapiens”, era nômade, caçador (e pescador) e colhedor de vegetais e frutas para seu sustento. Era um andarilho, tal como as tribos de outras espécies de animais e também os silvícolas da América, África e Austrália ou os beduínos dos desertos e oásis da África e Oriente, que vão caçando e colhendo o que encontram pela frente, permanecendo um tempo curto num mesmo lugar pois os vegetais escasseiam e os animais fogem e a água acaba. Essas tribos de andarilhos são formadas por homens, mulheres e crianças.

Na pré-história, quando não havia relato escrito, isso aconteceu no Oriente Médio até 10 ou 11 mil anos atrás. Por volta de 9 ou 8 mil anos antes de Cristo, começaram os primeiros núcleos de sedentarismo no mundo, isso é, algum ser humano já se fixara em regiões como Tel Obeid (*talo da`abido*, em aramaico), no sul da Mesopotâmia ou Jarmo (*Garmo* em aramaico), no norte da Mesopotâmia, Jericó (*Urihu* em aramaico), em Israel e outros lugares. Foram encontrados, nessas regiões, potes e vasilhames de barro e não mais somente cinzas de fogueiras ou ossos de seres humanos e de animais como em outras regiões. Quando os arqueólogos encontram vasilhames de barro logo concluem que ali havia um núcleo de pessoas não nômades pois, para existir potes de barro era preciso produzi-los e para tanto precisavam de equipamento como o torno do oleiro que não é transportável, além do fato que um conjunto de potes fossem pesados e também não poderiam ser transportados com facilidade por caçadores nômades. (o nômade bebe água na palma da mão em forma de concha e se lava na água do rio ou de uma lagoa).

Quem foram os primeiros seres humanos sedentários? Foram as mulheres pois, segundo os antropólogos, as mulheres, em determinadas épocas de sua vida não podem viajar e acompanhar a tribo. O exemplo clássico é o final da gestação. A mulher que se submeter a viagens prolongadas, a pé, em tal época, poderá perder a vida. Assim, as mulheres que estavam nessas condições eram abandonadas pela tribo, tanto por homens como por outras mulheres da tribo. Essas mulheres que ficavam para trás, precisavam sobreviver. Era a lei de seu instinto. Procuravam então conseguir o máximo de alimento para os dias próximos ao parto e posteriores, para sobreviverem. Após o parto (como fosse parto natural), essas mulheres, além de colherem vegetais precisavam armazená-los de forma que não deteriorassem rapidamente. Foram essas mulheres que inventaram o processo de preservação dos alimentos através de cozimento e salgação. Para tanto precisavam de vasilhames que resistissem ao calor da fogueira. Daí inventaram os potes de barro e o processo de fabricação dos mesmos (antes, o ser humano simplesmente usava cestos de vime que não resiste ao calor). Com sua fixação durante algum tempo na terra (lembramos que mesmo após o parto, a mulher e seu filho precisam pelo menos de 6 meses antes de partirem para viagens prolongadas como os caçadores e nômades fazem), perceberam pois que havia épocas em que as sementes caíam na terra e épocas em que surgiam os vegetais. Começaram então o processo de produção agrícola.

Além disso, as mulheres que ficavam para trás, organizavam-se para enfrentar, muitas vezes, as intempéries tal como chuva e neve na Ásia e Europa. Precisaram construir abrigos que não fossem temporários como choupanas cobertas de folhas de palmeiras ou de outras árvores; precisaram construir abrigos de pedras e rochas grandes. Com isso, esses núcleos tornaram-se pequenas aldeias onde havia casas e plantações.

Somente por volta de seis mil anos antes de Cristo (a.C.) é que os homens (os machos) começaram a se fixar com as mulheres em vilas e acabaram por tomar o poder. Quando surge a escrita com os sumérios, por volta de 4.000 a.C., já existiam cidades e o poder era dos homens, até mesmo porque as mulheres deixaram isso para seus filhos que as defenderiam de outros homens de tribos nômades que atacavam diuturnamente.

Qual o reflexo disso tudo, principalmente no Oriente Médio, que é a região que nos interessa por causa da Igreja de Antioquia?

HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE

(CONTINUAÇÃO DO Nº 63)

Vamos interromper, temporariamente, o estudo da história da Igreja no que diz respeito à Cátedra de Antioquia em si ou seja, dos seus prelados e vamos nos deter um pouco na história do povo da Igreja de Antioquia. Com isso teremos uma visão mais completa da história. Como a história da Igreja era e é influenciada pelas diversas transformações históricas, podemos obter diversas informações da historiografia, a partir dos relatos dos “santos e santas” pois essas pessoas viviam o cotidiano do povo; rezavam com ele, festejavam com ele e sofriam com ele.

A Igreja de Antioquia, como todas as Igrejas Apostólicas basilares, isto é aquelas fundadas pelos discípulos de Cristo e que foram os primeiros apóstolos de Seu Evangelho, são ricas em histórias de pessoas que deram suas vidas por seus ideais; que não renegaram seus ideais no Cristianismo e isso queria dizer que preferiam morrer a negar sua fé. Essas Igrejas eram: Igreja de Antioquia (fundada por S. Pedro ainda durante a vida de Jesus); Igreja de Alexandria, no Egito (atual igreja Copta), fundada por S. Marcos; Igreja de Roma, fundada por S. Pedro, após a morte de Jesus e sua Ascensão e onde também S. Pedro fora martirizado e finalmente a Igreja Bizantina que aglutinou todas as Igrejas da Ásia Menor; essas três últimas fundadas após a morte de Jesus Cristo. Todas as quatro Igrejas possuíam mártires e até meados do século V, todas possuíam santos e santas em comum bem como outros santos particulares de cada região.

Há que se entender que o termo santo como ele é utilizado hoje, difere de seu uso nos primórdios do cristianismo pois a palavra “santo” era utilizada somente para Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Passou depois a ser utilizada também às pessoas que morriam por seus ideais cristãos, vítimas de perseguições e que não esmoreciam em sua fé e enfrentavam a morte com serenidade. Eram consideradas santas também, outras pessoas que se dedicavam a servir os pobres, enfermos, viúvas, desvalidos em geral e que serviam a Cristo e aos outros seres humanos de duas formas:- levavam o Evangelho, o conforto espiritual através da Boa Nova (Evangelho) a tais desvalidos bem como conforto do corpo, através de processos terapêuticos ou até mesmo conseguindo alimento para que os menos afortunados não perecessem pelas guerras ou pela fome.

Finalmente, havia também, aqueles que se dedicavam às orações (em cavernas, nas monta-

nhas ou nos mosteiros) e os que ensinavam nos mosteiros, nas igrejas e nas praças, nos templos e até mesmo sobre colunas que para isso eram erigidas. Lembremos que esses mosteiros eram as universidades de saber da época e eles deram origem às universidades atuais.

Temos que realçar ainda, o fato que todas essas pessoas somente teriam a consideração de santa após sua morte ou seja, ninguém em vida era santo – ainda é assim na Igreja de Antioquia.

É neste contexto que veremos alguns relatos e como isso fortificou o espírito dos primeiros cristãos e até hoje esses relatos emocionam e confortam os cristãos em sua jornada de encontro ao Senhor.

Os relatos que apresentaremos nesse nosso percurso não serão em ordem cronológica pois não é o estudo da santificação ou da historiografia que nos interessa, é o exemplo de vida que nos emociona.

A Saga das duas mil moças ⁽¹⁾

Nesse tempo o rei dos persas se embriagara com o orgulho e seu pensamento se desviou por causa do excessivo saque e exílio que forçara sobre os romanos ⁽²⁾. Ordenou então que fossem escolhidas dentre as deportadas duas mil moças que fossem agradáveis de personalidade e também, beleza. Quando essas foram escolhidas conforme suas ordens e trazidas perante ele, ordenou que fossem em tudo igual a noivas ornamentadas, com vestimentas esplendorosas, de muito valor e com ouro e prata e colares e pérolas e que fossem enviadas como honra aos bárbaros ⁽³⁾ que estavam já em sua terra; para que as chamassem quando quisessem e se apaziguassem e saciassem sua luxúria.

Quando isso foi cumprido conforme ordenado, foram elas ornamentadas magnificamente e colocadas sob um pelotão de soldados ⁽⁴⁾ com dois guardas fronteiriços ⁽⁵⁾. Ordenou-lhes que fossem dadas provisões de viagem em abundância e que não fossem perseguidas no caminho mas que viajassem confortavelmente e com sossego para que não fossem deprimidas e parecessem abomináveis.

Essas moças no entanto, não só de seus pais e irmãos e parentes se separariam e ficariam angustiadas por isso mas também, por suas almas que se perderiam da cristandade, como também seus corpos que seriam entregues nas mãos da selvageria dos inimigos bárbaros. Tudo isso com choro e lamentações amargas em sua língua numa só voz entre si, uma à outra, como se fossem irmãs, diziam, todas numa só voz em troca da vida, a morte para si pediam; e isso tudo delas para os outros cativos siríacos que eram seus compatriotas junto com os guardas fronteiriços e mais o resto que lá estava para as levarem e as servirem, pois era sabido e revelado a elas como se a seus compatriotas em segredo falassem porém ao final a todos era revelado e lhes era sabido porque eram filhas de sua própria terra e língua ⁽⁶⁾.

Quando estavam então a cinco dias de viagem de distância desses povos bárbaros para os quais haviam sido enviadas e se dirigiam, e souberam que chegaram a essas terras para as quais haviam sido enviadas, aconteceu que se depararam com um rio grande e muito perigoso, muito difícil de atravessar e como haviam sido mandadas descansar por esses que as levavam e não deveriam persegui-las, acamparam à beira daquele rio.

Elas contudo entre si se aconselhavam e correu entre todas um só pensamento poderoso e heróico que a morte escolhiam e correram uma para a outra e se aconselhavam entre si dizendo uma à outra: *“Pensemos todas como uma só, por que quando poluirmos nossas almas no paganismo e com os alimentos impuros de animais mortos e sufocados pelos bárbaros e fizermos perecer nosso cristianismo, no final, todas à morte seremos entregues e chegaremos ao juízo final e ao sofrimento eterno. Ora, todas somos irmãs e cristãs e filhas de cristãos. Não duvidemos uma da outra porém agora, uma vontade e uma alma e uma convicção e um pensamento que seja para todas e antes que os bárbaros, nossos corpos poluam e nossas almas tornem impuras e ainda no final a morte nos alcançará; agora, enquanto nossos corpos estão puros e nossas almas preservadas da impureza, pelo nome Dele e com o nome Dele, Nosso Senhor Jesus Cristo, nós com pureza ofereçamos-Lhe nossos corpos pois desde já nossas almas à morte entreguemos e assim, dos inimigos nos salvamos e a vida eterna viveremos em vez da angústia de nossas almas numa hora mas pelo cristianismo e preservação da pureza de nossas almas e nossos corpos!”*. E assim todas, uma só palavra e um só segredo e promessa decidiram entre si e juraram uma à outra e como se fossem uma só, todas se atirariam naquele rio e como uma, todas se afogariam mas não cairiam nas mãos dos bárbaros pois todas igualmente, tal pensamento lhes agradara escolher.

E quando esses que as guardavam as olhavam, planejavam elas em segredo enquanto esperavam pelo momento e então elas se firmaram e disseram-lhes (a eles): *“Ora, se nos permitirem, queremos nos banhar nas margens deste rio.”*. Esses, assim quiseram; pois tal como lhes fora ordenado, que elas tivessem sossego; permitiram que elas se banhassem. Elas ainda lhes disseram: *“ Ficamos envergonhadas enquanto estais próximos a nós e olhais para nós que nos banhamos; então apartai-vos um pouco de nós e assim nos banharemos.”*.

E assim eles as deixaram e se afastaram delas, e então uma à outra se fortificava e encorajava e todas se confirmavam com o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo; e todas se atiraram na correnteza violenta daquele rio e se afogaram, e quando os guardas olharam para o rio viram que algumas delas boiavam e foram pelo rio como destroços flutuantes, outras afundaram e quando correram para o lugar onde (elas) haviam pedido que se banhassem, viram que não havia se quer uma delas com vida e choraram todos amargamente enquanto corriam de lá para cá a fim de salvarem pelo menos uma delas mas não conseguiram e de se afogarem, não impediram; essas pois que eram as temerosas se fortificaram com Cristo pelo cristianismo delas. Suas almas assim entregaram nas mãos de Deus para que se salvassem da promiscuidade e selvageria dos bárbaros, em espírito e em corpo.

Observações:

- 1) Moça em aramaico (se diz: **a`alaiemtho**) possui a conotação de virgem também. O termo para qualquer outra jovem, casada ou solteira porém não virgem se diz, em aramaico, mulher (= **atho**)
- 2) O tempo em que ocorreu esse episódio foi após uma das inúmeras lutas entre persas (império parta) e bizantinos porém, a região atingida sempre era somente a Mesopotâmia e portanto, essas 2.000 moças seriam siríacas (ou assírias cristãs) e não bizantinas (aqui chamadas de romanas pois a divisão Oriental do Império Romano era conhecida como Bizâncio - em latim: Bizantium).
- 3) Em aramaico (siríaco), a palavra **bárbaro** significa **filho do lugar êrmo** ou ainda, **de fora** (bar =filho, baro=fora / lugar êrmo) e **bárbaros** então, eram todas as pessoas que habitavam uma tenda ou seja, nômades e também selvagens como veremos adiante.
- 4) A palavra usada em aramaico é **hailo** que basicamente significa **força** e também **pelotão de soldados**; esse último, no contexto é o mais adequado.
- 5) Os guardas fronteiriços, seriam os atuais batedores do exército, isto é, soldados que conhecem o caminho entre as fronteiras e por isso vão na frente para verificar a situação do caminho que será usado pelos demais soldados.
- 6) É importante observar que tanto os soldados quanto os dois guardas fronteiriços eram assírios (siríacos) pois a Mesopotâmia estava dividida entre Romanos e Persas e era a fronteira entre esses impé-

rios e os habitantes da Mesopotâmia eram os assírios e a sua língua era o aramaico (siríaco).

N.E.- Esse relato é de Yuhannon de Amid que viveu no século VI porém ele relata um episódio que ocorreu entre 240 e 250 d.C. Amid atualmente é a cidade de Deirbekir na Turquia. Desde os tempos dos Assírios pagãos, mais de 800 anos antes de Cristo, Amid era um centro de irradiação da cultura e assim ficou até o início do século XX, até a 1ª Guerra Mundial, quando os cristãos foram perseguidos e mortos (foi o primeiro genocídio da era moderna, conhecido entre os Assírios pelo nome de Sayfo) e os poucos que se salvaram fugiram do jugo do governo otomano. Após o término da guerra, alguns poucos voltaram e hoje temos apenas uma igreja muito antiga e um padre casado lá.

extraído de: Manna, L`abbé Jacques Eugène – **Morceaux choisis de Littérature Araméenne – Première Partie**. Mossul, 1901.

Ajude a propagar o cristianismo de oriente. Imprima e encaminhe um exemplar ou o link do jornal a um conhecido.

(<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornal.htm>).

CULTURA ORIENTAL—XIV

A SABEDORIA DE AHIQUAR

Assim como já abordamos uma parte da arquitetura sacra, da literatura sacra e da literatura laica (ou mundana) e também uma parte da alimentação, tudo isso para não tornarmos esse passeio pela cultura oriental maçante ao leitor pois pode parecer um curso de especialização num determinado tópico (por exemplo, podemos estudar de forma interminável a gastronomia oriental), vamos abordando outras artes, conhecimentos e sabedoria para depois retornarmos a esses tópicos porém com temas diferentes.

Os orientais em geral, desde milênios antes de Cristo (a.C.) até nossos dias, nunca procuraram sistematizar a filosofia, tal como fizeram os ocidentais. É notório que os primeiros escritos da Índia e da China (os historiadores os datam de 2.000 a.C.) assim como os escritos dos sumérios e assírios (estes últimos também conhecidos também como acádios) que datam de 3.500 a.C. (historiadores há que os datem de 4.500 a.C.) e também do norte da África (como os escritos dos egípcios que datam de 2.800 a.C.), em nenhum momento formaram escolas particulares de seus seguidores, tal como vemos na história da Grécia. Citamos como exemplos Sócrates e seus seguidores os quais a ceitavam tudo que Sócrates dizia

como se fosse lei; também Platão e seus discípulos e Aristóteles que teve entre seus discípulos, o rei macedônio, Alexandre; assim também foi com outros filósofos famosos como Pitágoras e muitos outros que surgiram desde 600 a.C.

Os orientais, em especial os povos autóctones (os que lá estavam quando surgiu a escrita) que eram os sumérios e os assírios, simplesmente relatavam o que observavam na vida, na prática. Com essa prática, deixaram as especulações pela realidade. É certo que as especulações forçam o ser humano a pensar e provar que uma determinada teoria é verdadeira ou falsa porém, como se comprovou na história da humanidade, as especulações, em sua maioria, eram infrutíferas pois havia mais hipóteses absurdas que não se concretizavam do que reais e verdadeiras e com isso perdia-se muito tempo para provar sua veracidade ou falsidade.

Com sua forma de enfrentar a realidade, os orientais, no entanto, rapidamente chegavam a conclusões verdadeiras e positivas que permitiam a evolução do ser humano numa velocidade muito maior que a dos especuladores (por exemplo os gregos).

Os mesopotâmicos ou seja, os habitantes da região entre os rios Eufrates e Tigre construíram muitos observatórios, bibliotecas e templos onde podiam observar os céus, reunir e depositar os conhecimentos bem como adorar seu deus, quase sempre em uma única área. Assim, por exemplo, eram as torres (conhecidas por **ziggurats**), das quais ficou famosa para a posteridade, a torre de Babel. Nas bibliotecas, em especial, havia uma ampla coletânea de informações que davam suporte aos estudos de diversas ciências como matemática, astronomia, química e muitas outras bem como moral (ética), comportamento e mitologia (os estudos teológicos da época) e diga-se de passagem que não foram poucas as bibliotecas que os reis mesopotâmicos mandaram construir; bem antes de Cristo, bem antes dos romanos, dos gregos e até dos egípcios. Bem antes que qualquer outra civilização pensasse em algo semelhante, já existiam bibliotecas pela Síria (por exemplo, a de Ugarit, atual Ras Shamra, que data de 1.500 a.C. e descoberta em 1928, a de Mari, atual Abu Kamal, que data de 1.800 a.C. e descoberta em 1933) e assim, pelo sudeste da Turquia e pelo Iraque, com a mais famosa de todas as bibliotecas, a de Nínive, construída por Assurbanípal II por volta de 650 a.C. e descoberta em 1849 e que tinha por dever ser a biblioteca nacional do império assírio, reunindo mais de 30 mil livros desde a antigüidade Suméria até o tempo do rei Assurbanípal. Essa prática de coletar o conhecimento ao máximo, nunca parou entre os assírios e seus descendentes, até os nossos dias. Entre os mais famosos curadores do início do século passado estão bispo Yuhannon Dolabani (no Mosteiro de Kurkhmo - Mardin e no Mosteiro de S. Marcos - Jerusalém), Patriarca Elias III (Homs, Mardin e Damasco), Patriarca Afrem Barsoum I (Mossul, Damasco) que reuniram o conhecimento que havia sido dispersado pelos otomanos e curdos durante a Primeira Guerra Mundial (1.914-1.918).

Na área das leis e moral, destacaram-se as leis de Ur-Nammu (2.100 a.C.) e de Hamurabi (1.810 a.C.), base para toda a ciência jurídica que se espalhou por toda a humanidade sendo a base para o Corpus Juris Civilis romano que sustenta a legislação dos países ocidentais modernos; enquanto que na ética, ficou famoso o ensinamento de Ahiquar, ministro de Senaqueribe, rei do Império Assírio entre 705 e 681 a.C. e de seu filho, Essarhadon, também rei em Nínive entre 681 e

e 668 a.C. A grande maioria dos autores que o sucederam, mesmo na era pós-Cristo, como **Bar`Ebroio** (*bar hebraeus* para os ocidentais), basearam-se em seus ensinamentos.

Nesta etapa vamos nos deter nos ensinamentos de Ahiquar e sua história.

(nos nossos textos, estamos adotando a convenção de não escrevermos as letras que não se leem, tal como a letra “u” após a letra “q” pois, assim também é em aramaico; quando a escrevermos é porque será lida).

Sintetizando a biografia de Ahiquar diremos que era ele conselheiro de Senaqueribe e preceptor de Essarhadon. Ainda que casado, não teve filhos e adotou a Nadan, filho de sua irmã para o criar e educar em um de seus palácios. Quando Nadan se tornara um jovem, Ahiquar entregou-lhe a administração de seu palácio e propriedades bem como fez com que o rei o apontasse como conselheiro em seu lugar. Nadan, ganancioso e invejoso, criou uma rede de intrigas contra seu tio fazendo com que o jovem rei Senaqueribe acreditasse na perfidia dele (Nadan) e mandou executar Ahiquar. O general responsável pela execução porém, como fosse admirador da sabedoria de Ahiquar, poupou-o da morte, deixando-o viver num lugar ermo, nas montanhas a noroeste de Nínive. Pouco tempo depois, o rei do Egito propôs um enigma aos assírios com o intuito de invadir suas terras se não conseguissem lhe responder. Já tendo invadido a Palestina, queria o rei do Egito que lhe construíssem um castelo nos ares. Nenhum dos sábios da época conseguiu enfrentar o problema. Foi então que o rei se arrependeu por mandar executar Ahiquar. O general e pseudo carrasco no entanto, ao saber do arrependimento do rei, apresentou-se e prometeu trazer Ahiquar que, sem titubear, foi ao encontro dos egípcios e com sua sabedoria resolveu a questão, sarcástica e politicamente, evitando a guerra e surpreendendo a todos. Sua solução foi uma saída sábia. Condição que os egípcios deveriam mandar-lhe pedras para a construção quando ele pedisse e somente poderiam ser trabalhadores egípcios; o resto seria por conta dele. Os egípcios até riram dele e se prontificaram para tal. Mandou então que os soldados assírios armassem um andaime de cordas suspenso no ar por quatro águias e essas estariam presas com cordas compridas, porém amarradas firmemente a estacas fincadas no chão para que não pudessem voar e se dispersar. Em seguida ele se assen-

tou no andaime de cordas, prendeu-se firmemente ao andaime com amarras e mandou que soltassem as águias. Quando essas alcançaram a altura prevista, começou a gritar aos trabalhadores egípcios que lhe atirassem as pedras para que ele iniciasse a construção porém esses se recusaram pois acharam que se tratava de um louco. Após algum tempo, mandou que o descessem e foi ao encontro do rei egípcio e disse-lhe que os trabalhadores egípcios não queriam trabalhar e ele nada mais faria diante da recusa dos egípcios. O rei egípcio deu-se por satisfeito e recuou seus soldados desconfiando que Ahikar teria algum plano para o atacar. Quando voltou para Nínive, quis o rei assírio recompensá-lo por seu serviço; pediu então Ahikar, como recompensa, que se lhe desse Nadan para o educar novamente dizendo “*aquilo que não entrou pelos ouvidos entrará pelos ombros*”, ou seja, aprenderá através do castigo. Daí em diante, Ahikar passou a Nadan sua sabedoria, através de máximas e provérbios, dos quais muitos até hoje se utilizam entre os povos do Oriente Médio e Norte da África.

A coletânea desses ensinamentos se chama, em aramaico: ***mathle aukit taxe`itho edAhikar hakimo u soffro desenharib malko dathur uadninue*** (a tradução é: *Provérbios ou seja, a saga de Ahikar o sábio e escriba de Senaqueribe rei de Assur e de Nínive*). A versão mais antiga desse livro data de 500 anos antes de Cristo e foi descoberta no Egito, em Elefantina, uma região habitada por semitas entre eles assírios, arameus, judeus e fenícios. Tratava-se de um livro composto por 11 papiros, escritos em idioma aramaico, contendo

os ensinamentos de Ahikar. Com o advento do cristianismo, a estória foi rapidamente vertida para diversas línguas pois ela e a estória de Tobias no Antigo Testamento bíblico possuem muitos pontos de aproximação e hoje, alguns estudiosos ocidentais defendem a tese de que o livro de Tobias foi tão somente uma modificação que os judeus de Elefantina fizeram para adaptar a saga de Ahikar a seus interesses sacerdotais religiosos. Da versão em aramaico foram feitas traduções para diversas línguas, tal como copta (egípcio antigo), grego, latim, etíope, armênio, eslavo etc. Nas línguas modernas, a primeira tradução foi de Coynbeare e Harris ao inglês em 1898: ***The story of Ahikar from the Syriac, Arabic, Armenian, Ethiopic, Greek and Slavonic versions*** (= a novela de Ahikar das versões síriaca, árabe, armênia, etíope, grega e eslava). Em 1909, François Nau traduziu do aramaico e publicou em frances: ***Histoire et Sagesse d`Ahikar l`Assyrien*** (= história e sabedoria de Ahikar o assírio). Diferentemente de ambos, Smil Grünberg, em 1917 publicou em aramaico com tradução ao alemão: ***Die wiesen sprüche des Achikar*** (= *as sábias palavras de Ahikar*), texto que Eduard Sachau levara anos antes (1911) de Siirt em Tur Abdin e doara para a Biblioteca Real de Berlin.

Os historiadores, ao compararem os ensinamentos de Ahikar com a sabedoria coletada das diversas tabuletas cuneiformes dos sumérios, assírios e outros povos da região mesopotâmica logo deduziram que aquela tinha sua origem nos milênios de civilização mesopotâmica e que Ahikar fora um observador e catalizador dessa sabedoria.

Alguns exemplos da sabedoria de Ahikar.

Meu filho, faze um julgamento reto e bom para que envelheças e vejas um envelhecimento respeitável e tenhas tranqüilidade em tua velhice.

Meu filho, adoça tua língua com as palavras de Deus e prepara (bem) as palavras de tua boca e fala com as pessoas com bondade e suavidade (pois) por causa do rabo do cahorro lhe dás pão e da boca, dás pancadas e pedras (N.E.- o significado é: quando o cão balança o rabo e te agrada lhe dás pão e quando te ameaça e rosna, bates e atiras pedras).

Meu filho, a beleza perece e se decompõe e se finda e o mundo acaba e desaparece e passa e o nome bom não passa e não acaba e (nem) desaparece.

Meu filho, o homem que não tem sossego durante sua vida, a ele é melhor a morte que a vida.

Ó meu filho querido, não te oponhas àquele que é maior que ti em seu tempo (N.E.- ou seja, mais importante) e em sua idade (N.E.- ou seja, mais velho que ti) para que não se apresente ele ao tribunal pois te derrotará no tribunal contudo não sejas atrevido e cessa a luta e vencerás o mal com o bem.

Meu filho, não julges o homem (poderoso) em seu auge e nem te coloques contra o rio que vem (N.E.-

ou seja, não vás contra a correnteza do rio).

Meu filho, com os que brigam não te alies pois do riso nasce a palavra da briga, nasce a luta e acontece então o assassinato.

Para Saber mais:

Grünberg , Smil— *Die wiesen sprüche des Achikar* — Berlin, 1917.



A NOVA DIRETORIA EXECUTIVA

Desde o ano passado, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria conta com uma nova diretoria executiva que irá auxiliar o Revmo. Raban Gabriel Dahho a executar os planos que levarão a nossa congregação adiante em sua fé cristã, segundo os ensinamentos de nossa Santa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia.

A Composição da nova diretoria é:

Presidente.....Nádia Kardouss
Vice-Presidente.....Thalita A. Aris
Tesoureira.....Jaqueline W. Bustamante
Secretária.....Thalita A. Aris
Diretor Cultural.....Peter Sowmy
Diretora de Patrimônio.....Nádia Kardouss
Diretor Social.....Ussama Ferdinian
Presidente Espiritual.....Revmo. Raban Gabriel Dahho Dahho
Dois cargos ainda estão sendo preenchidos cumulativamente.

A equipe de **Suryoye** junta seus votos aos de toda nossa igreja desejando que a nova diretoria empossada tenha todo sucesso em realizar seus planos neste biênio de 2014 / 2015.

TEXTOS EM ARAMAICO

1. Oração Inicial

ܠܟܘܢ ܕܡܘܠܝܢܐ ܕܢܘܨܝܢܐ

.Behau Safro rabo

ܘܚܘܘܢ ܕܘܢܝܢܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

mo dothe at morio

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

lo mor timar lan

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

lo iodhá no lekhoun.

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

defághrokh qadíxo rávuno

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

íavet lan

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

uadhemokh zakoio

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

hussoio leólam

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

halelúia

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

dve hoién áme

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

uthexebuḥeto zomrin.

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

2. Aramaico – texto e pronúncia da oração citada à página 2

ܠܟܘܢ ܕܡܘܠܝܢܐ ܕܢܘܨܝܢܐ

Mo xafiro Sēlutho dálef bar aloho

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

dTubáu láino dēssomo bēnáfxe uethēhaggí

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

bo

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

kúlehun xúfre dezadiqūtho udagmirutho

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

bo ú xekíḥin láino diodSef uamēdSale lo.

ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ ܘܘܠܐ

